

LEMBRANÇA DE LUIS FERNANDO VERISSIMO

Arnaldo Saraiva

Universidade do Porto

Em meados da década de 1990 fui convidado para fazer uma conferência na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Aí, conversando com as professoras Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini, disse-lhes que eu, ávido leitor de cronistas como Rubem Braga, Nelson Rodrigues, Drummond, considerava Luis Fernando Verissimo o mais importante cronista da língua portuguesa depois de Eça de Queirós: as suas crónicas, em modelo bem mais sintético ou abreviado, como pediam os tempos modernos ou a imprensa, faziam lembrar as de Eça pela agilidade narrativa, pela elegância estilística, pela argúcia e subtileza crítica, pela magistral técnica dialógica e pelo humor desarmante.

Tanto bastou para que Maria da Glória Bordini, que então tratava do espólio de Erico Verissimo, me perguntasse se gostaria de conhecer pessoalmente o filho dele. A resposta era óbvia. Mas fui logo advertido sobre o que já quase toda a gente sabia: que o “escritor, humorista, cartunista, tradutor, roteirista, dramaturgo e romancista” Luis Fernando Verissimo não era muito dado a conversas.

E no dia seguinte lá fomos à casa da rua com o nome do poeta Felipe de Oliveira, onde nos receberam, diria que familiarmente, D.Mafalda e Dona Lúcia, que nos conduziram a uma acolhedora salinha, onde, minutos depois, entraria Luis Fernando. Cumprimentou-me, fez-me duas ou três perguntas corteses, e sentou-se no sofá,

atento e calado, deixando as despesas da conversa à já então contrastante e lendária loquacidade de sua por sinal muito simpática esposa.

Mas passada uma dúzia de minutos levantou-se e, sem dizer nada a ninguém, saiu de mansinho para não mais aparecer. Não estranhei; também já com alguma experiência em compromissos de regular colaboração cronística, pensei na pressão ou na ansiedade diária de um colaborador não só verbal mas também visual ou gráfico (lembrem-se por exemplo “As cobras”) de várias e importantes publicações, como *Zero Hora*, *O Estado de S.Paulo*, *O Globo*. Ao tempo ele ainda não colaborava na imprensa de Portugal, onde os seus livros só começaram a ser publicados em 2001.

No final de 1996 decidi trabalhar na preparação do II Colóquio Português de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e pensei que seria interessante ou importante ter Luis Fernando Verissimo como um dos participantes brasileiros nesse Colóquio. Embora me parecesse pouco provável que ele pudesse aceitar o convite, este seguiu, com a referência, para efeitos sedutores, à viagem que em 1959, tinha ele 22 anos, o levava ao Porto, onde pudera presenciar a grande homenagem promovida pela Associação de Jornalistas e Homens de Letras ao seu pai, numa sessão literária pública que valeu também como manifestação anti-salazarista, e num almoço promovido no dia 25 de fevereiro de 1959 pelos editores e livreiros do Porto, entre os quais alguns cujos nomes Erico Verissimo conhecia “desde menino”: “Lello, Garnier, Bertrand, Parceria A.M. etc.” É o que o próprio Erico garante no 2º volume de *Solo de Clarineta*, onde fala dessa homenagem e desse almoço, com algum humor, distanciamento e comprazimento, que o levou a confessar: “Eu amo Portugal e os portugueses. Que Deus lhes dê um dia melhor governo !”

Há anos encontrei num sebo um exemplar do elegante cartão dobrado com o cardápio impresso do almoço, com um autógrafo de Erico (uma dedicatória “ao mais velho livreiro no Porto”) e com uma vintena de assinaturas de livreiros, editores, ou personalidades e escritores, entre os quais o genial realizador Manoel de Oliveira e o genial escritor Jorge de Sena, que, a pedido de António Souza Pinto - editor de Erico e proprietário da editora Livros do Brasil, que lamentavelmente o Brasil nunca achou digno de uma mais que merecida homenagem -, guiou durante vários dias a família Verissimo (Erico, Mafalda, Luis Fernando) por terras portuguesas.

Para alguma surpresa e muita alegria minha, Luis Fernando aceitou o meu convite. E no dia 7 de maio de 1997 fui esperá-lo, e a Lúcia, ao aeroporto do Porto; na viagem para o hotel, ele perguntou-me quais eram os melhores restaurantes da cidade. Indiquei dois ou três, distinguindo especialmente o restaurante Portucale, de onde até se podia ter uma vista geral sobre o Porto.

Na tarde do dia seguinte, quase à hora programada para a sessão em que Luis Fernando participaria, ele ainda não era visto na sala; mas uns cinco minutos antes do início veio ter comigo e, com um sorriso de menino, informou-me que tinha ido almoçar ao restaurante Portucale, e que tinha comido e bebido “como um abade”.

Para o libertar de constrangimentos académicos, eu destinara-lhe uma sessão...coloquial, mais descontraída, em que tinha a companhia do poeta Francisco Alvim e dos ensaístas Fábio Lucas e Gilberto Mendonça Teles, e em que eu era o moderador. Nesta qualidade, depois de conversar em particular com eles, adverti o numeroso público que cada um dos participantes teria uma fala inicial sobre a sua obra ou sobre a literatura brasileira com a duração máxima de 10 minutos, mas que haveria depois cerca de 45 minutos para perguntas e respostas ou para debate. Quando passei a palavra ao escritor sulriograndense ele saiu-se com esta: “O professor Saraiva disse que cada um dos participantes nesta mesa teria uma fala inicial de um tempo máximo de 10 minutos. Eu queria saber qual é o mínimo.” A risada foi geral, e Luis Fernando não ultrapassaria os 5 minutos, a que só somaria alguns segundos no debate.

Dois anos depois, preparando um número da revista que fundara, *Terceira Margem*, dedicada exclusivamente à literatura brasileira, contendo só textos criativos originais de escritores brasileiros e textos críticos ou ensaísticos de portugueses, usei solicitar a colaboração (gratuita) do sobrecarregado autor de *O Analista de Bagé*.

Outra vez surpreendido e feliz, recebi, pouco tempo depois, um texto com o título “O Porto por conhecer”, que publicaria no nº2 de *Terceira Margem*, 1999, onde também saíram textos de Manoel de Barros, Marly de Oliveira, Nelson Ascher, João Almino e Rubem Fonseca.

No seu texto, o cronista ou memorialista Luis Fernando Verissimo começava por dizer “Estive quatro vezes no Porto, mas não sei se posso dizer que conheço a

cidade.” E explicava porquê. Na primeira vez de pouco se lembrava para lá do “jantar” (que na verdade foi o já referido almoço) oferecido ao seu pai, durante o qual se ouviram muitos discursos e brindes, notando que “nenhum dos brindes foi ao Salazar”. Na segunda vez aproveitara o regresso de uma viagem à Galiza, para “com o vagar possível em viagens deste tipo - isto é, em poucas horas” - explorar a cidade. Na terceira vez viajou na companhia de uma “confraria de comilões”, começou a “provar vinhos do Porto na chegada” e almoçou no restaurante de uma das “famosas produtoras de vinho na margem do Douro”, onde, confessou, “bebemos vinhos da região durante todo o almoço com entusiasmo, e depois da refeição, claro, não podia faltar mais vinho do Porto. Resultado: tenho uma lembrança diluída – é a palavra exata - da visita à cidade. A Praça da Liberdade estaria mesmo girando como um gigantesco carrossel ou aquilo foi sonho?”

A quarta vez foi a do nosso Colóquio, a que se referiu com estas palavras: “Por sorte, o professor Saraiva me convidou para participar de um simpósio sobre literatura no Porto, há dois anos. Não sei se ele se arrependeu – minha participação foi meio lacónica – mas eu finalmente tive a oportunidade de caminhar pela cidade, entrar nas igrejas e na livraria Lello, e conhecer o suficiente para saber que não foi o suficiente.”

O texto tinha esta conclusão: “Continuo disposto a conhecer o Porto algum dia. Talvez na quinta tentativa.” Que infelizmente não houve.